

Prato Madeira hum dos Officiaes desta Provincia que mais se tem distinguido a favor de S. M. I., defeza de seus Fagrades Direitos, Independencia e Integridade do Imperio: por todos estes motivos, e por esperar que continuará como d'antes no cumprimento de todos os seus deveres, o nomeio para o referido lugar, *podendo uzar de todas as regalias que como tal lhe competem.* Mandando portanto a todas as Auctoridades a quem o conhecimento desta pertença assim o cumprão e fação cumprir tão exactamente como deve, e são obrigados *como subditos deste Imperio.* Quartel do Commandante das Armas do Ceará 5 de Setembro de 1825. — Conrado Jacob de Niemeyer, Commandante das Armas. — Com o Sello das Armas Imperiaes.

N. E. Axa-se reconhecida e passada por India e Mina. —

Esta passa tem digna da pena do Snr. Conrado, he humma prova incontestavel da sua impericia militar, e do seo arrojio de até arrogar a si as Atribuições Soberanas conferindo postos superiores, e mandando uzar das insignias sem que primeiro fosse confirmado por S. M. I., o que alli era facilissimo em obter-se. Não será galante e novo o termo de que uza o Snr. Conrado, de xamar — lugar — o posto de Tenente Coronel? E quem não admirará o estilo pomposo do — *mando portanto a todas as Auctoridades a quem o conhecimento desta pertença, assim a cumprão, e fação cumprir como Subditos deste Imperio.* — Então não he Soberana esta frazeologia? Não deve ser obdecido por todas as Auctoridades do Imperio hum diploma do Commandante das Armas do Ceará ???

Ainda não fica aqui a arbitrariedade do Snr. Conrado, elle alli mandou até uzar de insignias Militares a pessoas que elle ainda tinha em tengão propor: eis a confissão ingenua de hum seo amigo o Padre Joaquim de Paula Galvão que não deve ser suspeito. —

“ Pedio-me hum filho de Agostinho „ Vicente, que desejava ter hum lugar „ na Cavallaria para livrar-se de ser xamado pelas Ordenanças, pedi ao Com- mandante das Armas esse favor, res- pondeo-me *que podia fardar-se como Tenente, isto he, andar com as insignias, que na futura promoção o contemplaria.* „

O Ajudante do Papelista.

Snr. Redactor da *Astréa.*

As lizongeira esperanças que nos deo o Snr. Solicitador da Coroa e Fazenda Nacional, em hum dos seus Ns. pagados á

cereza do malfadado Banco do Brazil, nos tranquillizou um pouco, persuadidos que em breve veriamos os Nrs. Thezourieiros transactos recolher as Caixas desfalchadas as quantias, que por suas omissoes, ou contentimentos, dalli foram tiradas em prejuizo de tantos que lhe entregaram, e do maldito, o seu remate, e ultimo meio de sua subsistencia, de Vivas, e Gratias: mas Sr. Redactor é passado um tempo, e nada tem saído á luz, pelo que, e pelo escandalozo silencio em que se tem tornado um negocio de tanta monta desejariamos que o Snr. Solicitador nos dicesse o motivo de sua tolerancia, para sucego do noso espirito, honra sua, e gloria do Exm. Snr. Procurador da Coroa e Fazenda. Do

Seu muito venerador

O Ajudante.

B A H I A.

O Cocheiro, e o Ministro d'Estado.

Dialogo.

Cocheiro. — Excel. Sr., ouvi dizer que V. Ex. carecia de um cocheiro, venho offerecer o meo prestimo.

Ministro. — Tens Attestados das casas em que servistes?

Coch. — Alguns, Excel. Sr., que não sou hum homem que evacuassee jamais uma Praca sem sair com as honras da guerra. Eis-aqui um do meo primeiro amo, o Sr. Marechal de Richelieu, a quem tive a honra de servir em qualidade de moço de cozinha, e de acompanhar á cova.

Min. — Esse Attestado he mui velho. Que idade tens tu?

Coch. — Os 58 foram-se; mas tenho saude e alegria, e estou fresco e vigoroso, apezar de que bem cedo comeei a correr as — sete partidas. — Aqui tem V. Ex. outro Attestado do Sr. Duque de La Vrillière (por alcunha o Duquezinho) em cujo Palacio estive empregado como moço de esfregar as casas: est' outro he do grande Abbade Sabbathier a quem servi de criado cabelleiro por espaço de 5 annos; este cá passou-m'o S. Ex. o Bispo de Jóppe, o qual tinha a boa fê de semear grãos de pimenta da India, tirados de salchichões, esperando todas as manhãs ver nascer salchichoneiras: tive a honra de ser seo hortelão; este ultimo he do meo Patrão o Sr. Hainguerlot, que me occupou 6 mezes em qualidade de caixeiro: á vista de taes provas, creio que V. Ex. estará satisfeito do meo prestimo e fidelidade.

Min. — Está bem; mas em nenhum desses Attestados se faz menção de que fosses cocheiro.

Coch. — Verdade he que nunca se offereceo occasião de sentar-me n'almoçada de um co.

che; mas que obsta isto para que eu não sirva a V. Ex. tão bem como qualquer outro? Foi bom cosinheiro, bom moço de esfregar, bom cabeleireiro, bom hortelão, e bom cocheiro sem que tivesse nunca mexido uma escovada, mettido o pé n'uma escova. (1) manejado o pente ou a cixada, e, ainda menos, pegado em uma só letra de cambio... Attenda-me V. Ex.: dizia o meu bom amo, o Excel. Marechal de Richelieu, — que o melhor título para obter um Emprego, era não *praticar* para o tal Emprego. —

Min. — Isso valeria no velho regimen: mas hoje exigem-se conhecimentos pessoais: não recebe para cocheiro, se não — um cocheiro. —

Coch. — Cocheiro sou eu já, Excel. Sr.: eu sei de cor todas as pulhas que se devem dizer a um carreiro, a uma sege d'aluguel que se atreva a embarçar-me no trôte, ao belicão d'um burguez que tenha o flato de passar-me, a um peão que se não arrede promptamente, &c. &c.; em somma Excel. Sr., eu saberia tudo — *se soubesse dirigir o coche* —; mas isso depressa o aprenderei eu; e pode V. Ex. estar seguro que, quando me despedir, estarei habil para conduzi-lo ao fim do mundo: além disto, como V. Ex. bem vê, — sou *altarrão, dobrado e bochechudo*; e, de mais a mais, tenho um sobrecasaco de desesseis cabogões que, quando o abotão, fico na guapo figurão. —

Min. — E com esse guapo figurão — pregarás comigo d'avesso na primeiro esquima. —

Coch. — Que, Excel. Sr., pois receia V. Ex. que lhe eu pregue algum tombo! Cão V. Ex. também no erro vulgar de que somos nós os cocheiros os que dirigimos o coche? Ai que não, meo Fidalgo! são as bestinhas: as pobres, coitadas! tem mais tino que nós outros. Nós manamos todo o santo dia, ellas não bebem senão agoa; nós grulhamos nas lojas, ellas comem a sua cevada ao lento mui caladas; nós occupamo-nos mais em criticar de nossos amos, que em cuidar do que lhes pertence, ellas não murmuram nunca, e estão sempre promptas para servir-os: se o coche enfia limpamente uma porta-cocheira, se escapa com fortuna d'um eunhal, se evita o embate d'um pesado carro, toda a gloria da difficuldade vencida recae no cocheiro, quando, em verdade, todo o merecimento pertence ás pobres bestinhas, não he isto assim, Excel. Sr.?

Min. — Agrada-me tua boa fé; mas não me

agrada confiar minha pessoa d'um cocheiro, que se deixa guiar pelas bestinhas.

Coch. — V. Ex. não ignora que, para ser cocheiro é necessario saber uma infinidade de cousas, que nos são difficéis de aprender, visto que, em todo o Reino, não ha uma só Academia, um só Collegio, uma só Eschola para nosso uso, somos pois obrigados a aprender o Officio na almofada do coche.

Min. — Pois amigo, eu cá não posso consentir que a almofada do meo seja o teu banco d'Eschola. —

Coch. — Isso em V. Ex. he para apprehensão: consulte V. Ex. Foa e Foa que se não são mais habéis, estão ao menos mais adiantados que eu, e elles dirão a V. Ex. — que se pôde aprender o officio na almofada do coche, e até na taboat: — tudo depende da attenção que se dá, e da boa vontade que se leva.

Min. — Dize o que quizeres; não sabes o officio, e eu não te emprego: podes procurar amo, adeos (2)

Parecendo-lhe, Sr. Redactor, que esta Versão pode ser de alguma utilidade publica, queira assignar-lhe um cantinho na sua doutrinal e bem aceita Folha, com o que, a lém de desempenhar a gloriosa tarefa — *QUE JÁ TEMINHO BEM FUNDO*, — obrigará, de mais a mais, ao — se apaixonado —

Quem quer que he.

(Do Bahiano.)

(2) Oxalá, Sr. Redactor do Bahiano, que tal tivesse sido a constante resposta dos diversos Ministros d'Estado do Brasil a tanto *cocheiro inhabil*, que vemos repimpados nas almofadas dos coches da Nação, arremessando-os por lugares invios e escabrosos, alanhando as pobres bestinhas, que tem a desventura de ficar-lhe debaixo do latego, arriscando o Governo (agora por sua estupidez, logo por sua má fé) a soffrer algum grande tombo, que, pôsto não haja *felizmente* perigo *já hoje* de perder nelle a vida Politica, pode todavia ficar tão maltratado, que longa e dolorosa se torne a convalescença! Seja isto, porém, tomado — sem malignas e determinadas allusões —, como, sem ellas, he dito: muno-me d'esta especie de — salvo-conducto —, Sr. Redactor, para pôr-me a abrigo da exquisitissima e lastimosa irritabilidade das fibras cerebros de certos *Empregados*, que se assanham contra a gente por se julgarem sempre, — em quanto se diz, ou imprime — o *Lábo da Fabula*; pois que, por mais que se façam merecidas excepções, quer nos Periodicos, quer nas conversações, quer na *Camara Electora*, tenham *esses taes Srs.* (não sei por que desgraçada susceptibilidade que os atraição) em sequerem achar por força na grande mó, ou massisso *dos ruins*, e não nas honrosas fileiras dos execptuados.

(1) He uso em França, e em outras partes da Europa, esfregarem-se as casas com escova, em cujo reverso ha uma azelha em que o criado enfia o pé com que esfrega.